

(DES)CONSTRUÇÕES E (RE)CONSTRUÇÕES NA FORMAÇÃO PERMANENTE DE EDUCADORES(AS): DIÁLOGOS PARA A CULTURA DE PAZ

Tatiana Poltosi Dorneles*

Celso Ilgo Henz**

Resumo: O presente artigo é oriundo do trabalho de Dissertação de Mestrado, realizado na Linha de Pesquisa LP1: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Partindo da análise da realidade, bem como da necessidade de entender/compreender de que forma educadores/homens e educadoras/mulheres desenvolvem na formação permanente e em reciprocidade com seus educandos/homens e educandas/mulheres numa realidade desumanizada, assume-se a ideia de inacabamento e formação permanente com possibilidades de uma cultura de paz. Os seres humanos, conscientes deste inacabamento, carregam em si a capacidade de se desafiarem a tornar a vida e o mundo diferentes, para o que a formação permanente pode contribuir enquanto processos de práxis educativas e (re)humanizadoras. Para tal a formação permanente é necessária na (des)construção e (re)reconstrução da realidade educacional que se vive, buscando a realização dos sonhos possíveis e dos inéditos viáveis, criando espaços-tempo onde a práxis educativa aconteça dentro da boniteza de ser e constitua-se possibilidades de acordo com os valores da amorosidade, afetividade, rigorosidade, tolerância e diálogo.

Palavras-chave: Formação. Saberes. Valores. Cultura de Paz.

1 Abrindo os diálogos

A temática formação permanente de educadores(as) como mobilizadora para a (des)construção e (re)construção dialógica dos saberes docentes para a cultura de paz nos remete a ideia de humanização e (re)humanização do educador/homem e da educadora/mulher enquanto ser humano/gente, como condutor(a) e diretor(a) de seus passos/sonhos. Antes de tudo, é necessário questionar-se como se constitui um(a) educador(a) disposto(a) a emergir

* Mestra em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria e graduada em Direito pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões. Email: tatianapd@gmail.com

** Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria e graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Dom Bosco. Professor associado da Universidade Federal de Santa Maria. Email: celsoufsm@gmail.com

dentro da cultura de paz, buscando a inteireza do ser inacabado e consciente do seu inacabamento, mas semeador de curiosidade/motivação para a busca do ser mais.

Não se torna educador(a) numa terça para a quarta a tarde, não se faz gente de um dia para o outro e não se humaniza alguém ou a si mesmo em algumas horas ou dias. É necessário, antes de qualquer coisa, que haja vontade/inquietação, tanto da parte dos(as) educadores(as) quanto dos(as) educandos(as), sim, porque a educação e a formação permanente é um processo de interação e reciprocidade entre educador(a)/educando(a).

Para tanto, faz-se necessário compreender de que maneira a formação permanente de educadores(as) pode contribuir para a (des)construção e (re)construção dialógica dos saberes docentes em busca da cultura de paz. A proposta de verificar os desafios na formação permanente a partir dos saberes docentes e dos valores humanistas parte do comprometimento cidadão dos(as) educadores(as) por meio de atitudes reflexivas e proativas para o desenvolvimento humano em sua inteireza.

2 Releitura amorosa e esperançosa de valores em busca do ser mais

Ao analisar a formação permanente de educadores(as) se verificam os desafios para a auto(trans)formação, a necessidade de reconhecimento dos saberes docentes e a reflexão dos valores humanistas para a construção da cultura de paz, baseada no diálogo e na escuta, transformando a teoria em prática, tendo em vista que a

Presença que se pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha; que constata, que compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 2011, p. 112).

Parte-se da constatação hodierna da necessidade de promover uma educação para valores, que destaque a importância das emoções na formação humana, integrando à educação o aspecto moral, ético e social. Os(as) educandos(as) estudam para a competição e sua realização profissional, preocupando-se, cada vez mais, em serem “os melhores”. Constatando que não estudam no amor, na solidariedade, no respeito, na cooperação, toma-se a incompletude, a rigurosidade, a tolerância, a lealdade, a ética e, principalmente, a importância do diálogo como eixo orientador do saber e do ser mais, bem como para aprenderem princípios e valores sólidos que conduzam à realização pessoal/felicidade. Em todos os segmentos sociais constata-se a intolerância, a indiferença e a transgressão de princípios

éticos e morais, evidenciando que os(as) educandos(as) encontram-se sem parâmetros, sem responsabilidades ou projetos de existência. Cabe, portanto, aos(as) educadores(as) o fortalecimento das práticas educativas como o diálogo, a responsabilidade ativa, a empatia, o perdão, a reflexão, a tolerância e o desenvolvimento da escuta sensível enquanto reconhecimento da alteridade do outro. Assim, ao reconhecer na filosofia freireana um caminho para a cultura de paz é possível dialogar com certezas provisórias, com o inacabamento humano, a autonomia do pensamento e da ação, a partir da amorosidade incondicional para ser mais, em busca do sonho possível para concretizar o inédito viável. Com Henz, acreditamos que cabe também à educação:

[...] resgatar a poesia, o encantamento, a imaginação, a intuição, o sonho, a reflexão, enfim, a razão-emoção como um todo, mergulhando na intimidade das coisas, dos fatos, dos seres humanos, da vida, para ir além da mera constatação e descrição, fazendo emergir um sentir/pensar/agir como manifestação da *razão de ser* de cada coisa, de cada ser, da existência humana (HENZ, 2012).

É importante lembrar que enquanto seres inacabados tanto educador(a) quanto educando(a) são condutores(as) e construtores(as) de seus passos, podendo e devendo ser o(a) escritor(a) da sua própria história. A inconclusão não gera incompletude do ser ou “falta” de algo, mas gera curiosidade/inquietude na busca pelos complementos e pelo ser mais. A curiosidade é um dos principais recursos orientadores da prática educativa, sendo fio condutor de novas leituras de mundo/palavra que fazem parte do ser humano em todo o seu “corpo inconcluso e aprendiz”; é daí que surgem as novas concepções/conceitos como necessidade de buscar ser mais homem/mulher em sua inteireza, com toda a bagagem, valorizando e dialogando com amorosidade/rigorosidade com toda a leitura de mundo embutida na inquietação que o(a) move.

É mais do que necessário inquietar-se/indignar-se diante da feiura da realidade do mundo competitivo e mercantilista da sociedade capitalista de nosso país, diante da falta de sensibilidades, saberes e vontades, diante da falta de comprometimento com a prática educativa que emerge tanto de educador(a) quanto de educando(a). O que é a educação senão a união de forças e o diálogo entre educador(a) e educando(a)? E a educação não caminha sozinha, é necessário que alguém a conduza, é necessário que haja um envolvimento teórico/prático dentro deste processo de (re)construção e (re)humanização da educação enquanto um bem humano/social.

Ao falar em (re)humanizar a educação, está implícito que a mesma está desumanizada. Mas o que leva a educação no auge do Século XXI a estar desumanizada? É claro que a falta

de valorização tanto de educador(a) quanto de educando(a) diante da sociedade e do governo afeta diretamente o processo educativo; mas será que é somente isso que torna a educação menos humana e mais técnica?

De que adianta educadores(as) bem pagos(as) e educandos(as) bem acomodados(as) se no interior de cada um falta amorosidade, falta paixão pelo ato de ensinar/aprender e antes de tudo falta diálogo entre ambas as partes? De nada adianta. A prática educativa só acontece se vontade/diálogo/curiosidade estiverem diretamente (inter)ligadas e a serviço de uma educação mais humana, de uma sociedade mais humanizada e de uma realidade menos feia. Para Freire,

O sonho pela humanização, cuja concretização é sempre processo, e sempre devir, passa pela ruptura das amarras reais, concretas, de ordem econômica, política, social, ideológica, [...], que nos estão condenando à desumanização. O sonho é assim uma exigência ou uma condição que se vem fazendo permanente na história que fazemos e que nos faz e re-faz (FREIRE, 2009, p. 99).

Ao analisar os desafios na formação permanente para a auto(trans)formação de educadores(as) através de saberes e valores humanistas para uma cultura de paz, objetiva-se estimular os(as) educadores(as) a trabalharem com as suas emoções e com as dos(as) educandos(as) a partir dos seus medos, conflitos, frustrações, dores e perdas, fazendo com que lidem com sua ansiedade e agressividade, canalizando tais sentimentos para ações que resultem em benefícios sociais e para novas formas de relações capazes de (re)produzir empatia, reconhecimento e compromisso com a alteridade do(a) outro(a).

Na contemporaneidade contempla-se que os(as) educadores(as) precisam fundamentalmente de uma formação permanente que responda a seus anseios e necessidades, com a finalidade de colaborar para o desenvolvimento humano, preparando os sujeitos para a sociedade que historicamente tem sido marcada por conflitos e tensionamentos. Destacando-se a importância da pesquisa, Freire aponta que

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade (FREIRE, 2013, p. 30/31).

Acredita-se que a formação permanente de educadores(as) é papel fundamental para a práxis pedagógica e criação de espaços-tempo onde a reciprocidade entre ensinar/aprender-aprender/ensinar seja possível; a aquisição do conhecimento coloca o dever ético de compartilhá-lo e fomentá-lo a partir da crítica, desafiando crenças, conceitos, tabus,

conhecimentos e paradigmas sobre o estudo, construindo dialogicamente o conhecimento através da complementação e da transformação; visando um maior aproveitamento da leitura de mundo tanto de educador(a) quanto de educando(a), fazendo disto uma base para os novos conhecimentos, partindo daí para a busca de complementos na realização do ensinar/aprender para ser mais.

A formação permanente de educadores(as) para uma cultura de paz parte da compreensão de que o ser humano vive num eterno processo de evolução e de auto(trans)formação. Sendo ele inacabado, mas consciente do inacabamento, nesse sentido a busca por complementos e deixa de ser uma opção e passa a ser uma necessidade/dever, sendo esses inacabamentos/complementos a realização de inéditos viáveis, uma vez que:

Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jabuticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores, inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão que me “saúda” contente nos começos das manhãs (FREIRE, 2013, p.54).

Baseando-se na concepção freireana, Henz (2003) compreende a formação e o exercício do magistério na perspectiva de uma construção da “razão-emoção crítico-reflexiva”, como condição da emancipação dos seres humanos, em suas múltiplas dimensões, construindo o educar, juntamente com o(a) educando(a), a partir de processos, situações e ambientes em que possam os(as) educandos(as) e educadores(as) refletir sobre si e sobre suas práticas, para desenvolver o sentir, o pensar e o agir próprio, reconhecendo que

[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não a de transferir conhecimento (FREIRE, 2013, p. 47).

Tal concepção freireana remete a necessidade de motivação dos(as) educandos(as) pelos(as) educadores(as) e vice-versa, na busca permanente na (re)construção do conhecimento, através de uma postura exigente, como sujeito da produção do saber-fazer. Pressuposto que também precisa embasar a estruturação dos programas de formação permanente de educadores(as), saber que motiva espontânea e epistemologicamente para a pesquisa e a busca contínua do conhecimento/construção. As formações necessitam desenvolver a capacidade dos(as) educadores(as) de refletir sobre suas práticas, buscar elementos para transformá-las e contagiar seus pares de que a escola necessita ser o ponto de

partida para o estudo e a reflexão da trajetória de (re)significar e qualificar a práxis educativa e pedagógica/humana.

O caráter de transformação assumido pela formação permanente docente parte do recomeço e da renovação/inação, a partir das experiências no exercício da profissão e para que o(a) educador(a) regresse ao seu ambiente de trabalho com indagações/inquietações, refletindo sobre suas ações e enriquecendo sua prática no cotidiano escolar. A formação docente está cada vez mais em evidência no âmbito da pesquisa educacional acadêmica e, para tanto, é fundamental ao(a) educador(a) acreditar que a mudança se apresente como possível (FREIRE, 2013, p. 74), e que as qualidades profissionais dos(as) educadores(as) busquem reduzir a distância entre o que se fala e o que se faz (FREIRE, 2013, p. 63).

A busca pela formação profissional permanente qualifica e integra novos conhecimentos, habilidades, atitudes, sensibilidades e valores, partindo da necessidade de compreensão do que seria um ensino de qualidade, assim como, a percepção das diferentes instâncias do saber e da cultura, que sinalizam para a necessidade da valorização e da (re)qualificação dos(as) educadores(as), num exercício permanente de aprendizagens. Parte-se da concepção da Pedagogia da Autonomia, concebida por Freire (2013, p. 12), fundada na ética, no respeito e na dignidade, o que para Arroyo (2013, p. 10) reflete que o(a) educador(a) necessita deixar de ser visto(a) como recurso, mas sim como sujeito da ação educativa, trazendo a ideia de educador(a) enquanto homem/mulher, que tem como trajetória docente/humana a arte de juntar os pedacinhos e construir novas leituras de mundo seguidas de leitura da palavra.

A reflexão sobre quem são os(as) educadores(as), como são formados(as) e como acontece a formação permanente fomenta estudos e pesquisas, objetivando o desenvolvimento da formação contínua e humanista-igualitária. As dificuldades educacionais, e principalmente as sociais, enfrentadas num país onde a pobreza e a falta de condições mínimas de sobrevivência são notórias, colocam na educação a esperança de uma inclusão emancipatória, capaz de preparar cidadãos conscientes que saibam agir e construir em sociedade; no entendimento de Arroyo (2013, p. 15), tal exercício só é possível quando reconstruída a imagem do(a) educador(a), uma vez que: “somos sujeitos”. Fazemos parte de uma história, de um processo social ao longo do tempo. Aí nos descobrimos como professores, como categoria, não estática, mas histórica, em construção (ARROYO, 2013, p. 135).

A grande tarefa dos(as) educadores(as) é a educação/formação com os(as) educandos(as), mas também questionando-se até que ponto os profissionais da educação

encontram-se preparados para assumir tal papel, ou até que ponto a educação detém a possibilidade de transformação da sociedade. Reconhecidamente a educação brasileira encontra-se num momento contraditório em face à crescente desvalorização profissional e social do(a) educador(a), o que reflete na sua formação, que objetiva atender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei n.º 9.394/1996 (BRASIL, 1996), mas também, na maioria das vezes, às políticas e decisões dos governantes. Arroyo (2013, p. 17) destaca que quanto mais se aproxima do cotidiano escolar, mais se visualiza que a escola gira em torno dos(as) educadores(as), do seu trabalho, da sua qualificação, sendo estes os(as) responsáveis por construir e reinventarem a possibilidade de um espaço/tempo na cultura da paz, contemplando a pluralidade das dimensões do humano. Mas, é preciso compreender que

Esse aprendizado poderá ser feito a partir de textos sobre desenvolvimento humano, mas também, e, sobretudo, a partir de uma leitura “pedagógica” de práticas, vivências, textos literários, linguagens artísticas [...] Leitura pedagógica no sentido de estarmos à procura da compreensão de nós mesmos, interrogando o tema formação, desenvolvimento, deixando-nos interrogar por esse tema, pelas várias manifestações de formação com que convivemos na diversidade de convívios (ARROYO, 2013, p. 43).

Afinal, para que “serve” a escola senão para juntar os nossos pedacinhos? Para que educador(a) e educando(a) vão todos os dias para a escola? Não seria/deveria ser o lugar onde as pessoas são felizes unicamente por estarem em meio ao processo de ensinar/aprender-aprender/ensinar? A escola é muito mais do que paredes, portas e quadros. O que constitui uma escola não são os livros, são as “gentes” que fazem essas paredes e livros tornarem-se vivos e humanizados (ou não). Os livros não são portadores de conhecimento/conteúdos, as gentes são.

Assim Freire (2013, p. 39) define como tarefa coerente do(a) educador(a) a prática de: “[...] entender, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado”. No mesmo sentido, segue o educador, como já referido anteriormente que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades necessárias para sua produção e construção (FREIRE, 2013, p. 47). Tal tese é reforçada por Arroyo (2013, p. 22) ao referir que: “Estamos em um momento de reafirmação da dimensão de trabalhador qualificado, senhor de um saber de ofício, um mestre nas artes de ensinar e educar, insubstituível, resistindo às ameaças de sua descaracterização”.

Nesta concepção surge a necessidade de valorização profissional dos(as) educadores(as) voltada para o reconhecimento da sua importância social e cultural para a

educação ética e crítica, através da competência teórica e da amorosidade/rigorosidade, constituindo o “ser mais” freireano com os(as) educandos(as).

A formação docente permanente é decisiva para a transformação da qualidade do ensino enquanto processos de educação humanizadora. Atualmente, o(a) educador(a) é visto como um mero executor(a) de programas/projetos educativos, desenvolvidos de cima para baixo. Na concepção de Arroyo constata-se que existe a preocupação dos(as) educadores(as) com sua qualificação, no domínio dos saberes, dos métodos, para se adequarem aos novos tempos. Faltando a compreensão do papel que exercem, social e culturalmente. Afirmo o educador que: “Essa procura de sentido passa por saber-se melhor, por entender melhor, que traços, que valores, que representações fazem parte desse construto social, dessa categoria social. Saber tudo isso que somos” (ARROYO, 2013, p. 34).

Desse modo, é necessário reconhecer que a formação docente permanente precisa valorizar o envolvimento com o cotidiano da escola, intervindo na construção do processo educacional também englobando princípios e prática de uma cultura de paz. Para Nóvoa esta formação se constitui mediante um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas de (re)construção da identidade pessoal e profissional, refletindo que: “[...] importa valorizar paradigmas de formação que promovam a preparação de educadores/as reflexivos, que assumam a responsabilidade do seu próprio desenvolvimento profissional e que participem como protagonistas na implementação das políticas educativas” (NÓVOA, 1992, p. 27).

Deste modo a formação docente induz o profissional a resistir, criando-se o conflito entre a técnica e a necessidade de controle. Para Arroyo, a formação profissional ocorre, somente, a partir da autoformação:

Ser mestre, educador é um modo de ser e um dever-ser. Ser pedagogos de nós mesmos. Ter cuidados com nosso próprio percurso humano para assim podermos acompanhar o percurso das crianças, adolescentes e jovens. É uma conversa permanente com nós mesmos sobre a formação (ARROYO, 2013, p. 42).

Os(As) educadores(as) necessitam ter a oportunidade de se tornarem investigadores de sua prática, construindo um processo de reflexão epistemológica, rompendo com as concepções tradicionalistas/bancárias de conhecimento e aprendizagem. Essa construção exige saberes acadêmicos, pedagógicos, políticos e outros que permitam a leitura dos conhecimentos derivados da experiência docente, para a constituição de atitudes, hábitos, sensibilidades, valores, conhecimentos, metodologias, além de respeito ao saber e conhecimento dos outros e não somente o embasamento teórico. Para Freire a formação de

educadores(as) é necessária para a realização da sua leitura do mundo (compreender as relações ideológicas e políticas que se vive em continuidade, em constante construção) com toda a comunidade escolar. A compreensão da formação e do desenvolvimento mútuo implica na relação formativa formador-formando, referindo o mestre:

Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do texto e leitura do contexto (FREIRE, 1997, p. 23).

Existe a consciência dos(as) educadores(as) da necessidade de buscar novos conhecimentos/complementos para a práxis educativa, respeitando as dificuldades de aprendizagem dos(as) educandos(as), acreditando que o processo educativo é o melhor caminho para a construção da cultura de paz. A formação permanente de educadores(as) suscita um aperfeiçoamento conjunto desenvolvido com a equipe gestora da escola, criando-se a cultura de formação continuada, com o planejamento e a organização de atividades atrativas, que motivem os(as) educadores(as) a adquirirem novos conhecimentos e novas posturas em sala de aula, bem como para a reflexão sobre a realidade da comunidade escolar e do(a) educando(a). Os(As) educadores(as) podem ser incentivados a levar os frutos dessa reflexão para a sala de aula e para a comunidade. Situação que na concepção de Imbernón seria a “[...] formação permanente mais adequada, acompanhada pelo apoio necessário durante o tempo que for preciso, contribui para que novas formas de atuação educativa se incorporem à prática” (2009, p. 30).

Portanto, a práxis educativa voltada para a cultura de paz pode ser embasada na valorização de conhecimentos e aprendizagens que possibilitam a compreensão e dão significado para a vida. A escola é o local para oportunizar reuniões, encontros e cursos de formação, assim como estudos referentes às teorias da educação, às práticas pedagógicas, à legislação educacional e a reflexão das políticas públicas, estabelecendo as condições necessárias para a atuação dinâmica frente às realidades e necessidades da comunidade escolar e de uma sociedade não tão humana.

3 Finalizando a interlocução e prosseguindo os diálogos

A formação de educadores(as) é necessária para a qualificação educacional e a promoção dos princípios e dos valores da cultura de paz, podendo contribuir para a construção de um ambiente escolar propício à edificação do conhecimento e o desenvolvimento dos(as) educandos(as). Para Freire, ensinar é uma especificidade humana, inseparável da práxis educativa, constituindo-se uma reflexão-ação da dimensão social da formação humana.

Os saberes necessários à prática educativa foram profundamente estudados pelo educador Paulo Freire, deixando um legado que torna possível a compreensão dos pressupostos que compõem sua pedagogia, a partir de suas experiências com os Círculos de Cultura. Com Freire é possível aprender que o(a) educador(a) é o profissional que orienta, ajuda e dá sentido ao conhecimento, além de ser o animador da aprendizagem. É através dos saberes que os(as) educadores(as) interagem com os saberes do(a) educando(a), ambos aprendendo a interpretar a realidade e fazer a leitura do mundo através de suas vivências e inquietações, partindo então, posteriormente, para a leitura da palavra. O pensamento pedagógico freireano é reconhecido internacionalmente, referenciando-se como uma pedagogia humanista e crítica, a qual contribuiu para a concepção dialética da educação. Notadamente, muitos saberes docentes são necessários e fundamentais para impulsionar e facilitar a aprendizagem.

Portanto, a formação permanente de educadores/homens e educadoras/mulheres tem base em sua formação humana, partindo de suas leituras de mundo e realização de sonhos possíveis. Tal formação emerge da reciprocidade entre educador(a) e educando(a), trazendo para a realidade conjunta as leituras de mundo e incompletudes que permeiam sua existência. Sendo assim, a educação só acontece em total reciprocidade com tais valores como: amorosidade, esperança, diálogo, tolerância, rigorosidade, afetividade, tendo em vista que é caminhando que se faz o caminho.

Referências

- ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 14. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 47. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HENZ, Celso Ilgo. Dialogando sobre cinco dimensões para (re)humanizar a educação. In: ANDREOLA, B; PAULI, E; KROMBAUER, L; ORTH, M. (Orgs.). **Formação de Educadores: da itinerância das universidades à escola itinerante**. Ijuí/RS: Ed. UNIJUÍ, 2010 p. 49/62. Disponível em: <<http://gepfaccat.files.wordpress.com/2012/10/dialogando-sobre-cinco-dimensc3b5es-para-rehumanizar-aeducac3a7c3a3o-celso-ilgo-henz.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

_____. **Razão-Emoção Crítico-Reflexiva: um desafio permanente na capacitação de professores**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação continuada de professores**. Tradução Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Artmed, 2010.

_____. **Formação permanente do professorado: novas tendências**. São Paulo: Cortez, 2009.

NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto, 1995.

_____. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António. (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. Formação de Professores e Qualidade do Ensino. **Revista Aprendizagem: a revista da prática pedagógica**. v.1, n.º 2, set.out, 2007.